

## NOTAS SOBRE A FILOSOFIA DA SENSIBILIDADE EM PONTY E CIORAN

Roberto Pereira Veras<sup>1</sup>  
Ricardo Pereira Veras<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo intenta mostrar por meio do método hermenêutico, o posicionamento filosófico de Maurice M. Ponty (1908-1961), e Emil M. Cioran (1911-1995) em relação à importância da sensibilidade como elemento fundante do conhecimento na contemporaneidade. Para tanto, iremos estabelecer um confronto entre a obra *Fenomenologia da Percepção* de 1945, e o *Breviário de Decomposição* de 1949 para uma melhor abrangência do tema proposto.

**Palavras-Chave:** Maurice M. Ponty. Emil M. Cioran. hermenêutica. sensibilidade.

**Abstract:** This article aims to show through the hermeneutic method, the philosophical position of Maurice M. Ponty (1908-1961), and Emil M. Cioran (1911-1995) regarding the importance of sensitivity as a fundamental element of knowledge in contemporary society. For this, we establish a comparison between the work *Phenomenology of Perception*, 1945, and 1949 *Breviary Decomposition* for better coverage of the proposed topic.

**Keywords:** Maurice M. Ponty. Emil M. Cioran. hermeneutics. sensitivity.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB, na cidade de João Pessoa - PB. E-mail: robertoveras\_cg@hotmail.com.

<sup>2</sup> Doutorando em Recursos Naturais pela Universidade Federal de Campina Grande - UFCG na cidade de Campina Grande - PB, Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. E-mail: rp-veras@hotmail.com

A filosofia na contemporaneidade, sobretudo na metade do século XX, proporciona uma nova condição de possibilidade para a estruturação do campo filosófico, mais especificamente na França. Isso porque, nesse período, as correntes no âmbito da filosofia não possuem um estatuto doutrinário, muito menos concreto em relação ao modelo de pensar dos seus antecessores. Em outras palavras, a filosofia antes partia de pressupostos estabelecidos arbitrariamente, assim sendo, o sujeito pensante não poderia direcionar seu modo de pensar de maneira natural, nesse sentido o mesmo era moldado numa escola filosófica passando a ser manipulado por uma teoria universal e imutável.

Dessa maneira, destacaremos neste trabalho por meio de uma hermenêutica filosófica o estilo de pensar de M. Ponty (1908-1961) e E. Cioran (1911-1995), uma vez que, suas teses proporcionam uma reflexão acerca da sensibilidade como elemento nuclear de nossas discussões na contemporaneidade. Assim, apresentaremos brevemente o método da fenomenologia, cuja sua atuação no pensamento de Ponty se torna evidente, cujo mesmo utiliza em sua obra *Fenomenologia da Percepção* de 1945. Sem menos desvalorização, iremos perceber que o eixo filosófico de E. Cioran tem como raiz fundante o elemento da sensibilidade, na medida em que o corpo necessariamente influencia seus pensamentos e sua concepção sobre a sensibilidade como ponto de partida do conhecimento. Para tanto, utilizaremos seu livro capital *Breviário de Decomposição* de 1949, no qual seu pensamento desesperador está depositado.

Para M. Ponty, a fenomenologia se torna um método bastante sofisticado para que possamos atingir o conhecimento das coisas. Todavia, o método promove uma análise mais elaborada por meio de suspensão de juízos, que se faz necessário para que possamos conhecer o objeto na sua forma essencial. Dessa maneira, através do método fenomenológico conseguimos apresentar o conhecimento puro das coisas através da minha consciência. “A fenomenologia, enquanto revelação do mundo repousa sobre si mesma, ou ainda, funda-se a si mesma.”<sup>3</sup>

Desde o início da obra o problema da percepção aparece sob uma nova luz. Para Maurice Merleau-Ponty o essencial é captar a percepção viva, a percepção em via de realização. Para isso temos de nos livrar de todos os preconceitos dogmáticos que nos proporcionam apenas percepções fossilizadas, espécies de cadáveres de objetos.

Qual o objetivo de M. Ponty escrevendo sua obra? Seria de proporcionar o conhecimento do mundo, no qual ele encontra-se inserido, fazendo isso por meio do método fenomenologia, isto é, acessando por meio da percepção o campo em que ele suspenderá todos os conhecimentos pré-

---

<sup>3</sup> PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins fontes, 1999. p, 20.

estabelecidos. Com isso, sua consciência, atrelada ao corpo poderá submeter um conhecimento do Em-si, ou seja, dos objetos a tempo real e vivido.

Segundo M. Ponty, o mundo é exterior a minha mente, isso é um fato real. Porém eu não posso enquadrá-lo em leis propriamente específicas por mim. Em outras palavras, o sujeito que percebe o mundo de maneira cristalizada, não possui mecanismos de acesso às sensações que estão em constante modificação. Para ele, o mundo está paralisado.

O "algo" perceptivo está sempre no meio de outra coisa, ele sempre faz parte de um "campo". Uma superfície verdadeiramente homogênea, não oferecendo *nada para se perceber*, não pode ser dada a *nenhuma percepção*. Somente a estrutura da percepção efetiva pode ensinar-nos o que é perceber. Portanto, a pura impressão não apenas é inencontrável, mas imperceptível e portanto impensável como momento da percepção. Se a introduzem, é porque, em vez de estarem atentos à experiência perceptiva, a esquecem em benefício do objeto percebido. Um campo visual não é feito de visões locais. Mas o objeto visto é feito de fragmentos de matéria e os pontos do espaço são exteriores uns aos outros. Um dado perceptivo isolado é inconcebível, se ao menos fazemos a experiência mental de percebê-lo. Mas no mundo existem objetos isolados ou vazios físicos.<sup>4</sup>

A percepção no pensamento do filósofo francês, bem como a fenomenologia, se caracteriza no âmbito existencial, pressupondo apenas o próprio mundo, e ensinando que filosofar é reaprender a ver o mundo, voltar às próprias coisas.

Diante dessas argumentações mencionadas no decorrer da história da filosofia, surge na contemporaneidade Emil M. Cioran (1911-1995). Apagado por seu pessimismo radical, seu pensamento assistemático proporciona uma ruptura com os filósofos conceituais predecessores a ele, uma vez que, seu modo de filosofar estava inerente a sua vida pessoal. Segundo ele, a especulação abstrata tende a se esvaziar; puros conceitos não determinam uma filosofia de qualidade sustentável para edificação de alguma tese, seu pensamento se fundamenta com reflexões pessoais e o lirismo apaixonado.<sup>5</sup>

O filósofo romeno se enquadraria no perfil de gnóstico paradoxal, isso porque, para ele, o real se torna atormentador, sem fundamentos, pura perda de tempo. Em contraposição o seu lirismo exacerbado o impulsiona os seus paradigmas relacionados com a vida particular.

Quando ainda adolescente, sua mãe disse que pretendia abortá-lo, desde então aquilo marcaria sua vida em relação à existência do sujeito. Cioran também atribuiu a insônia como sendo

---

<sup>4</sup> Idem, Ibidem. p. 24-25. [grifo do autor]

<sup>5</sup>Entenda lirismo como uma pessoa apaixonada, ou pelo menos, diz ser apaixonada e repleta de sentimentalismo por qualquer outra coisa.

uma de suas causas “não só de seu drama existencial, mas, em especial, de seu pessimismo filosófico – foi à insônia. Aos 20 anos Cioran virou um tresnoitado, um imprestável insone. Cioran eleva então a insônia à condição de fonte filosófica [...]”<sup>6</sup>

Para os indivíduos que tem boas noites de sono, sua vida decorre normalmente, conseguem acordar de maneira mecânica, e desenvolver as tarefas diárias, sem necessidades reflexivas mais abrangentes. Mas aqueles que possuem insônia percebem a essência da vida “para o insone, o tempo nunca passa. E sem a convicção da renovação, sem a ilusão redentora do ciclo que os relógios fomentam, o tempo revela-se insípido, vazio, absurdo e sem finalidade, o que torna sua existência desesperadora”<sup>7</sup>

Sendo o sono para Cioran, um subterfúgio necessário para a inutilidade metafísica do homem, isso porque, na medida em que o homem se encontra em vigília ele consegue compreender sua necessidade existencial. Por outro lado, o sono é apenas um refúgio para aqueles que querem esquecer o tempo. Para o filósofo romeno, se não fosse mais permitido dormir, a humanidade se destruiria em carnificias e suicídios coletivos.

Em Cioran, a insônia tem como principal corolário filosófico a lucidez, a qual, por sua vez, é o resultado de uma consciência levada às últimas consequências em seus questionamentos metafísicos. Em outras palavras, a insônia é o meio pelo qual obtemos a consciência do vazio, da gratuidade e do Nada do Ser, em termos dostoevskianos, a condição propícia para o desenvolvimento de uma consciência hipertrofiada. [...] A radicalidade e a contundência dessa lucidez afetaram o pessimista romeno por inteiro, corroendo o fundamento de todos os seus valores, de todas as suas crenças e entusiasmos primevos. [...] No fundo, o que Cioran quer dizer é que ele perdeu a capacidade de ter fé e de embriagar-se com absolutos e promessas de redenção. Deus, Verdade, Justiça, Belo, Razão, todos esses entes e conceitos metafísicos e religiosos desintegraram-se diante de sua consciência hipertrofiada. [...] Nem mesmo a arte escapou de seu pensar implacável. [...] Enfim: a fisiologia de Cioran o condenou à insônia e ao filosofar iconoclastas, que o condenaram por sua vez à lucidez, que o condenou a depressão e ao desespero da dúvida, que o condenaram, por fim, ao fracasso existencial.<sup>8</sup>

Com isso, seu pensamento adquire características que envolver seu estado fisiológico, como condição de desenvolvimento de sua filosofia. Em outras palavras, para o filósofo romeno, seu estado físico se encontra como mola mestra para todo o desenvolvimento de sua filosofia. Percebemos que a insônia, elemento físico tem influência direta nas questões filosóficas propostas

---

<sup>6</sup> PIVA, P. Fisiologia e Filosofia em Emil Cioran. Integração. *I Encontro de Filosofia Francesa Contemporânea, FFLCH-USP*, nº 44, p, 61, 2006.

<sup>7</sup> Idem, *Ibidem*. p, 61.

<sup>8</sup> Op, Cit. p, 61-62.

na concepção de Cioran, ante essas confirmações, podemos destacar as noites em claro que o pensador romeno passou durante sua longa vida de estudante. Para Cioran, a vida com o elemento do descanso noturno passa fluidamente, o sujeito não consegue estabelecer uma dimensão mais concreta da realidade, e assim, ficando apenas na vida mecânica do sofrimento diário.

Sendo Cioran adepto do corpo, um de seus pensamentos mais célebres: Não invento nada; simplesmente sou apenas mensageiro de minhas sensações. Com essa afirmação, o filósofo pessimista vai afirmar que não podemos de maneira fantasiosa criar sistemas filosóficos conceituais oriundos da abstração do nada, vidas fora de nosso mundo, unidades superpoderosas que direcionam o sujeito, em suma; para o rancoroso e iconoclasta Cioran, todas as filosofias que não possuem um ponto de partida fisiológico, não estão capacitadas ao acesso do verdadeiro conhecimento.

Cioran foi um pensador visceralmente orgânico, como podemos constatar numa passagem inesquecível de seu primeiro livro *Nos cumes do desespero*, de 1934: “Amo o pensamento que guarda um gosto de carne e sangue, e a uma abstração vazia prefiro mil vezes uma reflexão surgida de uma exaltação dos sentidos ou de uma depressão nervosa.”<sup>9</sup>

Dessa maneira, o jovem filósofo romeno vai depositar seu estilo filosófico durante toda sua vida. Na medida em que seu pensamento for desenvolvendo-se a raiz primeira será sempre a sensibilidade como ponto de partida para uma lúcida reflexão filosófica.

Para Cioran, a natureza do ser humano segundo sua existência subdivide-se em duas categorias: primeiro aqueles que “A existência dos medíocres que se pauta por uma “normalidade” – entenda-se normalidade como sinônimo de um viver isento de desequilíbrios orgânicos, para quem existir é, apenas, acomodar-se a um fluir normal de acontecimentos”.<sup>10</sup>

Para essa primeira natureza, o homem não consegue perceber o tormento e a tensão da vida, o tempo passa mecanicamente como puro lapso de ilusão. Ele não tem consciência do seu vazio existencial, cuja realidade é trágica. Por outro lado, a natureza do homem atormentado sua vida é uma caminhada até a agonia. Seu corpo sofre processos de decomposição, sobretudo seu psicológico vai sendo abalado, sua sensação é de puro desprezo pela vida, que já não tem mais sentido.

Ainda quando criança, na pequena cidade de Rasinari, Cioran jogava futebol com crânios no cemitério aos arredores de sua casa, pois um generoso coveiro sedia para ele poder brincar. Vendo o sentimento de tristeza e infelicidade de todas aquelas pessoas que passavam na cerimônia

---

<sup>9</sup> Op, Cit. p, 60. [grifo do autor]

<sup>10</sup> Cf. CIORAN, E. *La Tentation d' Exister*, p. 842.

fúnebre, o filósofo romeno começaria a despertar grandes interesses pelo conhecimento da morte e do suicídio, que logo seriam instrumentos de pesquisa na sua filosofia.

Defensor da filosofia baseada no corpo, seus fundamentos orgânicos prevalecem, o homem que não brota de si seus pensamentos pessoais, fora de sistemas conceitualizados não consegue entender o sentido da vida.

Afastei-me da filosofia no momento em que se tornou impossível para mim descobrir em Kant alguma fraqueza humana, algum acento de verdadeira tristeza; em Kant e em todos os filósofos. [...] O exercício filosófico não é fecundo; é apenas respeitável. Sempre se é filósofo impunemente: um ofício sem destino que enche de pensamentos volumosos as horas neutras e desocupadas, as horas refratárias ao Antigo Testamento, Bach e a Shakespeare. [...] (Os grandes sistemas, no fundo, são apenas brilhantes tautologias. Que vantagem há em saber que a natureza do ser consiste na “vontade de viver”, na “ideia”, ou na fantasia de Deus ou da química? Simples proliferação de palavras, sutis deslocamentos de sentidos. [...] A originalidade do filósofo se reduz a inventar termos. [...] Aprofundamos num universo pleonástico, onde as interrogações e as réplicas se equivalem.)<sup>11</sup>

Dessa maneira, a filosofia pautada em meros conceitos não produzem conhecimentos verdadeiros para Cioran, uma vez que, o exercício de filosofar apenas proporcionam pensamentos em grandes quantidades e neutros, sem grande finalidade no campo concreto. Para estes dois pensadores, o corpo é o ponto de partida para o verdadeiro conhecimento das coisas, antes os ídolos que proporcionavam segurança para alguma afirmação, agora não possuem critérios universais que possibilitam uma realidade fora do mundo sensível.

Para Cioran e Ponty a proliferação de palavras e as estéticas conceituais apresentadas durante a história da filosofia, não apontam uma filosofia que pode ser acessada pelo corpo, para tanto, se faz necessário o conhecimento oriundo dos sentidos e da percepção humana.

Podemos perceber que a filosofia de Ponty e Cioran estabelece um fio condutor que gira em torno do corpo como fonte de acesso ao conhecimento sensorial do mundo. Com isso, os dois estilos de filosofia apresentados nesse trabalho condizem com a realidade filosófica da contemporaneidade, isso porque, o conhecimento não parte mais de uma representação metafísica ou essencialmente apresentada em uma teoria doutrinária. Os grandes sistemas filosóficos não produzem conhecimentos efetivos na realidade vivida. Para Cioran o cemitério dos conceitos destrói um objeto, na medida em que a generalização de um conceito como representação universal, descaracteriza sua singularidade e particularidade.

---

<sup>11</sup> CIORAN, E. *Breviário de Decomposição*. Tradução de José Thomaz Brum. Rio de Janeiro: Rocco, 1989. p, 18-20. p, 54-56.

Ponty na atenta que: “O sensível é aquilo que se apreende *com* os sentidos, mas nós sabemos agora que este "com" não é simplesmente instrumental, que o aparelho sensorial não é um condutor, que mesmo na periferia a impressão fisiológica se encontra envolvida em relações antes consideradas como centrais.”<sup>12</sup>

A psicologia se apresenta como aliada no método em busca do conhecimento para Ponty, isso porque a sensibilidade tem como principal objetivo apenas a apreensão dos objetos, cabe aos elementos psicológicos o desenvolvimento e o processamento do conhecimento acerca do mundo exterior. Segundo o filósofo francês, “Um ser que poderia sentir — no sentido de coincidir absolutamente com uma impressão ou com uma qualidade — não poderia ter outro modo de conhecimento.”<sup>13</sup>

Em síntese, podemos afirmar que os dois autores apresentam suas teorias em relação à sensibilidade como fonte de acesso ao conhecimento do mundo. Em suas obras, os critérios da sensibilidade disponibilizam uma sucessão de eventos cotidianos, que juntos com a subjetividade, caracterizam o verdadeiro conhecimento das coisas.

---

<sup>12</sup> PONTY, M. Ibidem. p, 32.

<sup>13</sup> Op. cit. p, 35.

### Referências Bibliográficas

CIORAN, E. *Breviário de Decomposição*. Tradução de José Thomaz Brum. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

\_\_\_\_\_. *La Tentation d' Exister*. Oeuvres. Paris: Gallimard, 1995.

PIVA, P. Fisiologia e Filosofia em Emil Cioran. Integração. *I Encontro de Filosofia Francesa Contemporânea, FFLCH-USP*, nº 44, p, 61, 2006.

PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins fontes, 1999.